



SÉRIE/ANO: 1ª	TURMA(S): TODAS	DISCIPLINA: REDAÇÃO	DATA: 17 / 03 / 2020
PROFESSOR (A): CÍNTIA APARECIDA			CRÔNICA
ALUNO (A): _____ Nº			

Crônica e crônica argumentativa

A **crônica** é um gênero textual bastante evidenciado em jornais, escritos ou televisionados, bem como em revistas. Sua origem deriva-se do latim *Chronica* e do grego *Khrónos* (tempo). Exatamente por este fator é que se deve o seu surgimento, pautado por um relato de acontecimentos históricos e registrados em ordem cronológica.

Só a partir do século XIX, retratada por um teor mais crítico, foi divulgada em jornais e folhetins, caracterizada por um texto que falava de maneira generalizada sobre os acontecimentos do dia a dia, adentrando posteriormente no campo da Literatura. No entanto, trata-se de um texto essencialmente veiculado por jornais e revistas, razão pela qual ele oscila entre jornalismo e literatura pelo fato de que o emissor parte da observação dos fatos reais, embora os relate de forma predominantemente subjetiva.

Uma de suas relevantes características se deve à ótica de como os detalhes são observados, pois o fato possibilita ao cronista relatar de forma individual e original os fatos sob diferentes ângulos.

A temática pela qual perpassa o gênero em questão costuma estar ligada a questões circunstanciais ligadas ao cotidiano, como por exemplo, um flagrante na esquina, o comportamento de uma criança ou de um adulto, um incidente doméstico, dentre outros. Trata-se, portanto, de um texto curto, geralmente com poucos personagens, no qual o tempo e o espaço são limitados.

Além da crônica narrativa, anteriormente mencionada, há uma modalidade mais moderna, a crônica argumentativa, na qual o objetivo maior do cronista é relatar um ponto de vista diferente do que a maioria consegue enxergar. Tal posicionamento defendido materializa-se por meio da argumentação e da exemplificação. Neste caso, ironia e sarcasmo parecem fundir-se ao mesmo tempo, caracterizados pela forma em que o cronista se propõe a defender seu ponto de vista, divergindo-se da maneira pela qual a maioria o concebe.

O cronista, usufruindo-se do bom humor mesclado a toque sutil de ironia, aposta no intento de fazer com que as pessoas vejam por outra “face” aquilo que parece óbvio demais para ser observado pelo senso comum.

Seu caráter discursivo gira em torno de uma realidade sócio-político-cultural, que é verbalizada em forma de protesto ou de argumentação, quase sempre envolta por um tom até mesmo sarcástico, no intento de criticar as mazelas advindas da esfera social. Essa mesma realidade é avaliada pelo autor da crônica e uma opinião é gerada, quase sempre com um tom de protesto ou de argumentação.

Esse tipo de crônica pode ser simplesmente argumentativa, e dispensar o uso da narração. É possível que se percam assim, elementos típicos do gênero como personagens, tempo, espaço.

Sendo assim, podemos identificar duas maneiras de se produzir uma crônica: a primeira é a narrativa, que como já foi dito, conta um fato do cotidiano, utilizando-se de personagens, enredo, espaço, tempo, etc. A outra maneira é a crônica dos textos jornalísticos, é uma forma mais moderna do gênero, e, ao contrário da outra, não narra e sim disserta, defende ou mostra um ponto de vista diferente do que a maioria enxerga.

As semelhanças entre as duas são justamente o caráter social crítico, abordando sempre uma maneira de enxergar a realidade, e o tom humorístico, irônico ou até mesmo sarcástico. Podem se utilizar, para esse objetivo, de “personagens tipo”, da sociedade que criticam.

CARACTERÍSTICAS DA CRÔNICA ARGUMENTATIVA

- Tipo de gênero textual que reúne características de narrativa e de texto argumentativo, daí seu traço jornalístico.
- Apresentação do assunto ou controvérsia a ser discutida, normalmente, no início do texto;
- Posicionamento do cronista sobre o assunto em questão;
- Exposição de argumentos que fundamentam o ponto de vista do autor;
- Conclusão surpreendente, criativa, ou conclusão-síntese, que retoma as ideias do texto e confirma o ponto de vista defendido;
- Tratamento subjetivo do tema, deixando perpassar a sensibilidade e as emoções do cronista;
- Linguagem criativa e figurada, geralmente de acordo com o padrão culto informal da língua.

Leia a seguir a crônica de Antônio Prata:

Crônica sem jabuticabas

Estava sentado no fundo do ônibus vazio. Dia ensolarado, trânsito livre, uma brisa amena e improvável lambia a cidade de São Paulo. Férias, dentro e fora de mim. Meus pensamentos iam tão soltos e distantes que já haviam rompido o fino fio que os ligava à minha cabeça: se me perguntassem por onde andavam, não saberia dizer. Foi então que surgiu diante de mim a ideia, nítida e apetitosa: jabuticaba. Há quanto tempo eu não comia uma jabuticaba?

Em poucos quarteirões, passei da distração à obsessão: tinha que comer jabuticabas. Fiquei lembrando da infância na fazenda de um amigo, tardes e tardes no pomar, a árvore cada vez mais branca e o chão cada vez mais preto com as dezenas de cascas espalhadas...

Desci do ônibus na frente de um supermercado. Entrei na enorme loja fazendo um discurso interno sobre as maravilhas da modernidade, todos aqueles itens à minha disposição, num único local: pasta de dentes, suco de caju, tampa de privada, moela de frango, pilhas alcalinas, bacias coloridas, maracujás... Morangos... Mangas... E as jabuticabas???

Pedi ajuda a um funcionário que passava por ali. Ele me olhou como se meu pedido fosse absurdo, uma excentricidade. Pegou então um radinho e, depois de um breve chiado, soltou: "ô Anderson, você sabe se a gente tem jabuticaba?". Do outro lado o tal do Anderson respondeu, depois de algum suspense: "Negativo, Jailson, negativo". Jailson olhou para mim, com certa consternação (não sei se calculada ou sincera) e repetiu, como se eu não tivesse ouvido: "Negativo, senhor".

Supermercado inútil, repleto de coisas inúteis, nenhuma delas jabuticaba. Saí. Andei alguns quarteirões, achei uma quitanda. Nada por ali também. "Você sabe se eu encontro em algum lugar por aqui? Sabe se é época? Se tem algum mês do ano, assim, que tem jabuticaba e outros que não tem?". "Olha moço, sei lá, comecei a trabalhar aqui anteontem..." Fui para casa. Já mais movido pela birra que pelo desejo, vasculhei na internet as prateleiras de todas as redes de supermercados da cidade. Nada. Não havia, na quarta maior metrópole do mundo, na cidade mais rica da América do Sul, uma única, uma mísera jabuticaba. Se naquele exato momento eu quisesse comprar uma máquina industrial de lavar roupas, um quilo de maconha, um caminhão-pipa, sexo, pastilhas importadas para dor de garganta, três peixinhos dourado, sexo sadomasô, um DVD do Julio Iglesias cantando em Acapulco, eu poderia. Mas não queria. Queria jabuticabas.

Naquele instante, o homem ter ido à Lua. Ter clonado uma ovelha, pintado a Capela Cistina, inventado a penicilina, o avião, a pipoca de microondas e todas outras conquistas da civilização... não me valiam de nada, na monumental e incontornável ausência da jabuticaba.

(Texto e Interação. William Cereja e Thereza Cochar. 2009)

A seguir, duas crônicas argumentativas:

Texto 01

Revogue-se

Relacionamentos se constroem ao longo dos anos de sua duração: os dois parceiros vão tramar consciente ou inconscientemente a teia que os vai envolver ou separar, o casulo onde vão abrigar ou sufocar seus filhos.

Amor não deveria ser prisão ou dever, mas crescimento e libertação. Porém se gostamos de alguma coisa ou de alguém, queremos que esteja sempre conosco. Perda e separação significam sofrimento, mas não o fim da vida nem o fim de todos os afetos.

Certa vez me entregaram um bilhete que dizia:

"Se você ama alguém, deixe-o livre."

Poucas afirmações são tão difíceis de cumprir, poucas contêm tamanha sabedoria em relação aos amores, todos os amores: filhos, amigos, amantes. Amor é risco, viver é risco. Pois permitir, até querer que o outro cresça ao nosso lado, pode significar que crescerá afastando-se de nós.

Mas - essa é a força e a beleza do desafio de uma vida a dois - o outro, crescendo, pode-se abrir mais para nós, que participaremos dessa expansão. Instaura-se uma instigante parceria amorosa, na qual o tempo não servirá para desgaste mas para construção. É um processo de refinamento da cumplicidade que brilha em algumas relações mesmo depois de muitos anos, muitas perdas, e muitos difíceis recomeços - desde que haja sobre o que reconstruir.

[...]

LUFT, Lya. Pensar é transgredir. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 145-146. (Fragmento).

Texto 02

A tal da seta (crônica)

Existem muitas coisas que as pessoas deveriam fazer nessa vida e não fazem – dormir 8 horas por noite, comer mais fibras, avisar que vai chegar atrasado, não procrastinar. E, pelo menos no trânsito aqui nas montanhas, dar seta. Sabe aquela alavanquinha que fica logo do lado do volante, e que quando a gente aciona pra cima ou pra baixo acende uma luzinha do lado de fora do carro, sinalizando pros outros que você vai pra direita ou pra esquerda? Pois é, por aqui ninguém usa. Quer dizer, tem um monte de outras coisas que as pessoas por aqui fazem ou deixam de fazer no trânsito e não deviam, mas essa eu acho curiosa. Porque, né, a seta é item de fábrica, vem em todo carro, sem exceção, tá ali ao alcance da mão, é só esticar o dedo pra movê-la de um lado pra outro, não desgasta por excesso de uso, não faz barulho, não requer nenhuma habilidade especial para seu correto manuseio. E, no entanto, os motoristas de BH simplesmente preferem ignorar sua existência. Vai ver querem transformar a experiência de dirigir no trânsito caótico desta cidade em algo assim, um pouco mais lúdico e surpreendente – tipo ‘para onde será que ele vai agora?’.

E então a coisa funciona mais ou menos assim: alguém vai mudar de pista, fazer uma conversão qualquer, vai encostar, sair da vaga, entrar na vaga, seja o que for, prestação porque cabe a você, e tão somente você, motorista do outro carro, adivinhar o que está pra acontecer. Nem adianta meter a mão na buzina, piscar o farol ou lembrar-se carinhosamente da

progenitora do ser humano em questão, ele não vai se abalar por conta disso. Você vem atrás, fio, você que se preocupe e tome as devidas precauções.

Mas seria extremamente injusto de minha parte insinuar que o motorista de BH nunca dá seta. Essa seria uma generalização muito perigosa e, além disso, falsa. Claro que os motoristas daqui sinalizam de vez em quando. Por exemplo, eles sempre avisam quando vão fazer alguma coisa que é proibida ou malfeita. Vão parar em fila dupla ou na porta da garagem de alguém? Ligam o pisca-alerta, como se avisando 'vou ali rapidinho e já-já estou de volta, guentaê'. É pra fazer uma conversão proibida? Lá está a seta, e mais o braço pra fora pra reforçar. Vão encostar pra pegar um passageiro na calçada, mas aquilo ali não é acostamento, é a pista da direita e logo atrás estão trocentos carros que precisam frear bruscamente pra não encher a traseira do sem-noção? Pois não sei por que todo esse drama e ódio em seus coraçõezinhos, o motorista estava dando seta!

Aí, quando você é um daqueles alienígenas esquisitos que sinalizam regularmente o que vão fazer, e não fazem o que é proibido, ninguém leva muita fé, acham que você está fazendo hora com a cara dos outros. Colam no seu pára-choque (seu não, né, do carro) porque não é possível que aquela seta pra direita signifique que você vai virar à direita de verdade, vêm a mil por hora porque não acreditam que você esteja realmente reduzindo a velocidade. E ainda passam metendo a mão na buzina e fazendo aquela cara de 'êê... dona Maria!'. E então você me pergunta: mas onde estão os valorosos agentes do trânsito, que deveriam ver essas coisas e botar ordem no boteco? Estão multando carros estacionados sem talão de Faixa Azul, porque multar carro em movimento dá uma trabalhadeira danada. Sim, esta é uma cidade que também vai sediar jogos da Copa. Vou-me embora pra Pasárgada na época, viu, lá sou amiga do rei...

<https://cronicasurbanas.wordpress.com/tag/transito/>